



Natureza, alimento e cores *Nature, food and colours*

SANTIAGO, Debora Maria¹

¹ UNESPAR, campus Curitiba I - EMBAP, santiagodebora@ymail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: O texto apresenta a ação artística *Natureza, alimento e cores* realizada pela autora desde 2018 em diversos contextos. Na ação com público são fabricadas e experimentadas tintas naturais extraídas de plantas alimentícias, junto a conversas sobre agroecologia. Esta entendida como práticas que vêm sendo sistematizadas a partir da observação do funcionamento de ecossistemas naturais e de técnicas de manejo realizadas por comunidades tradicionais, e também como movimento social, lutando por justiça socioambiental. A ação propõe uma experiência estética com a troca de saberes, dando atenção ao cultivo de alimentos que respeitam toda vida ao redor.

Palavras-chave: arte; agroecologia; participação; tintas naturais.

Arte e participação

O presente texto é parte da tese de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, finalizada em 2020. A tese, cujo título é “*Tudo junto e misturado: ações artísticas propondo processos educativos e modos de participação*”, investigou ações artísticas que propiciam a participação do público e processos educativos permeados por uma atenção à natureza e a preservação de toda a vida ao redor na produção de alimentos.

Aqui irei abordar a ação *Natureza, alimento e cores* que venho realizando desde 2018. Essa ação foi criada durante aproximação com o Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado, do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST), na Lapa/PR, e fomentou a realização dessa ação posteriormente em outras situações e locais. Na ação, a participação de pessoas e grupos que realizam, pesquisam e discutem a agroecologia são importantes tópicos para pensar a integração da agricultura com a natureza e a humanidade nesse cenário de crise global. Muitos dos sistemas agroalimentares, que dizem respeito a todos os processos relacionados à alimentação, desde a produção até o consumo, estão profundamente interligados com a mudança e degradação ecológica (BURIGO, VAZ, LONDRES, NETTO, MENEZES, PACHECO, SOUSA, PETERSEN, 2019).

A ação *Natureza, alimento e cores* busca propor uma experiência estética aliada a processos educativos. O que ocorre nesses processos? Como se dá a participação do público? De que maneira discussões trazidas pela agroecologia podem estar presentes em práticas artísticas?



Nas ações o convite à participação é feito buscando promover a troca de saberes entre os/as/es participantes, num processo contínuo de ensino-aprendizagem e constante do sujeito sócio-histórico-cultural a que se refere Paulo Freire (1996). Quando nos colocamos abertos/as/es ao diálogo, à escuta, nos percebemos buscando aprender, um saber fundante da prática educativa.

O propósito desse artigo é investigar como se deu a ação nos diferentes contextos em que foi realizada, e refletir sobre de que forma foi propiciada a participação e a discussão sobre agroecologia. Termo este que a partir dos anos 1990 dá atenção para todo o sistema alimentar, em que os/as/es produtores/as e consumidores/as são vistos como parte ativa do sistema, e é definido sob três aspectos: como ciência, prática agrícola e movimento social (WEZEL, BELLON, DORÉ, FRANCIS, VALLOD, 2009)

As ações e seus contextos

A ação *Natureza, alimento e cores* foi proposta inicialmente ao Centro Cultural Casarão, espaço que vinha sendo organizado pelo Assentamento do Contestado, do Movimento Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na Lapa/PR desde 2013, com a reforma e estruturação do casarão do século XIX, antiga residência do Barão dos Campos Gerais. Após a reforma do espaço em 2018, diversas atividades artísticas estavam sendo realizadas até o início da pandemia de Covid-19.

Na primeira visita que fiz ao Assentamento Contestado, durante uma aula de campo naquele mesmo ano, percebi o processo de territorialização (FERNANDES, 2000) que acontecia ali, onde, com base na luta pela terra, vislumbraram-se novas conquistas e lutas por educação, saúde, moradia, segurança alimentar, igualdade de gênero e cultura, com o Centro Cultural que começava a formar-se.

O convite para realizar uma exposição no Centro Cultural Casarão me fez pensar sobre aquele contexto específico: seria a primeira exposição de artes visuais no assentamento. Surgiu então o desejo de me aproximar da comunidade realizando uma ação artística anterior à exposição. Sylviane Guilherme, coordenadora de cultura do Centro, fez conversas com os grupos do assentamento e o Coletivo de Mulheres, do qual ela também fazia parte, se colocou aberto à proposta.

Comecei então a me questionar sobre que ação artística poderia propor para aquelas mulheres e que diálogo poderia iniciar com elas. Fiz a proposta de uma ação com tintas naturais extraídas de frutas, verduras e raízes pensando no cotidiano das mulheres, do plantio à preparação dos alimentos.

A ação foi realizada em dois encontros com as agricultoras assentadas de diferentes faixas etárias, algumas acompanhadas dos/as/es filhos/as/es. Também participaram algumas alunas da Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) do Assentamento. No primeiro encontro, levei algumas tintas, falei do preparo e numa conversa inicial de apresentação sugeri que, com o pincel, escrevessem seus



nomes para experimentarem o material. Depois pensamos nos temas do seu dia a dia, a agroecologia esteve presente por meio de frases e desenhos que traziam imagens de alimentos produzidos, como a da abóbora e suas flores. A partir do conhecimento que tinham sobre as plantas, suas formas e cores, as mulheres foram ficando à vontade com as tintas, criando imagens e frases que reafirmam sua conexão com o território.



Desenhos/aquarelas realizadas na ação *Natureza, alimento e cores* pelo Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR, 2018. Fotografias da autora.

Para o segundo encontro, pedi para as participantes que fizessem as tintas com o que encontrassem. Amora, cenoura, espinafre, açafrão e beterraba foram alguns alimentos da época por elas produzidos e utilizados; temas como reforma agrária, agroecologia e feminismo foram sendo reforçados nos desenhos/cartazes. Após a realização da ação fizemos a montagem da exposição, pensando no cuidado com a apresentação e informações necessárias para a recepção do público, este formado pelos/as/es assentados/as/es e pessoas que visitam o assentamento. Conversamos sobre a durabilidade das tintas e de possíveis mudanças que ocorreriam com os desenhos durante o período de exposição, que permaneceu no espaço por dois meses.

Em maio de 2019, a ação foi realizada junto à “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE”, uma das atividades de extensão do Grupo de Pesquisa monGARU, coordenado pela prof^a. Islândia Bezerra, na época professora no curso de Nutrição da UFPR. Na instalação, é propiciada a construção de conhecimento de forma interdisciplinar, buscando-se socializar as diferentes narrativas relativas às experiências construídas na relação produção-consumo de alimentos.

Na ocasião, as atividades foram realizadas com a Equipe em Direitos Humanos da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, formada por mulheres de diversas gerações. A coordenadora da equipe buscava proporcionar ao seu grupo uma discussão sobre agroecologia e feminismo, o que já vinha ocorrendo internamente.

A instalação foi montada no hall do Campus de Engenharia Florestal e Ciências da Madeira da UFPR. Na estrutura de bambu, Tecnologia Social desenvolvida pela



equipe do Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA), foram disponibilizados materiais demonstrativos e informativos sobre o CPRA e Educação em Direitos Humanos, proporcionando conversas informais.

Num segundo momento, foi realizada uma roda de conversa com a participação de Manoela, agricultora e associada da Rede Ecovida de Agroecologia que nos questionou como podemos falar em agroecologia sem respeito às mulheres. Após a conversa, segui com a ação com as tintas naturais sugerindo que iniciássemos as experimentações com base no que tínhamos observado na instalação. Algumas mulheres criaram novas frases sobre agroecologia e feminismo e a importância da escolha dos alimentos, outras ficaram à vontade para experimentar o material. Depois observamos o conjunto de desenhos/aquarelas realizados e conversamos sobre os resultados e a experiência do processo.



Desenhos/aquarelas realizadas na ação *Natureza, alimento e cores* durante “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE”, Curitiba, 2019. Fotografia da autora.

Em outubro de 2019 realizei a ação com crianças e adolescentes no XIII Encontro dos Sem Terrinha do MST do PR. Em conversa com a equipe que preparava o encontro sugeri um exercício de obtenção das cores secundárias (laranja, verde e roxo) a partir das cores primárias, preparadas com a beterraba (magenta), o açafreão-da-terra (amarelo) e o repolho roxo (azul).

No dia do encontro com as crianças e adolescentes, após nos apresentarmos, mostrei as plantas, os papéis e os pincéis que iríamos usar. Que cores poderiam surgir no papel? Juntos preparamos as tintas e já começaram as experimentações em papel. Falei das misturas entre as cores, que logo foram sendo realizadas em desenhos com os mais diversos temas. Enquanto os desenhos secavam, conversávamos sobre a experiência, e foram surgindo ideias de outras plantas que conheciam e poderiam ser experimentadas.



Ação *Natureza, alimento e cores* realizada no XIII Encontro dos Sem Terrinha do PR, Curitiba, 2019. Fotografia da autora.

No início do ano de 2020, fui convidada pela AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia para realizar a ação *Natureza, alimento e cores* com as merendeiras de escolas públicas de São João do Triunfo/PR. O município tinha inaugurado recentemente sua Unidade Agroindustrial de Beneficiamento do Milho Crioulo Ecológico, livre de transgênicos, importante conquista para o fortalecimento da agricultura familiar e a conservação da agrobiodiversidade na região. A quirera, o fubá e a canjica lá beneficiados estavam chegando na merenda escolar.

A ação ocorreu antes do início das aulas, e esteve ligada a outras atividades que envolveram as merendeiras e a nutricionista das escolas, os agricultores fornecedores dos alimentos e a equipe da AS-PTA, que propôs dinâmicas para a conversa no sentido de constituir um espaço de aprendizado coletivo.

Como poderia propiciar uma experiência artística para aquele grupo de mulheres? Durante a conversa, me chamou a atenção quando as merendeiras falaram dos pães e massas coloridas que prepararam, e que não foram bem aceitos pelas crianças e adolescentes das escolas. Iniciei a ação fazendo aproximações entre o tingimento das massas, perguntei como faziam as cores das massas, quais plantas usavam, falei do uso das tintas naturais para desenhos/aquarelas em papel e preparamos juntas as tintas.

Para uma aproximação com o uso dos pincéis, uma novidade para a maioria, sugeri que iniciassem escrevendo as palavras escolhidas durante a conversa inicial sobre o que significava para elas cozinhar. As tintas então foram sendo experimentadas, algumas imagens também foram sendo criadas, num misto de surpresa e alegria. Finalizamos a atividade reunindo os desenhos, observando as cores obtidas e os desenhos e aquarelas.



Ação *Natureza, alimento e cores* realizada com as merendeiras de escolas públicas de São João do Triunfo/PR e equipe da AS-PTA, 2020. Fotografia da autora.

Considerações finais

A ação *Natureza, alimento e cores* possui um aspecto processual, busca aliar experiência estética e troca de saberes entre os/as/es participantes. A participação do público e de profissionais ligados à agroecologia é indispensável para sua realização, são conhecimentos e práticas compartilhados. As experiências vivenciadas durante o processo de realização, em diferentes contextos, são também parte do aprendizado para pensar as próprias ações. Assim, a atenção à produção e consumo de comida foi trazida para as ações, buscando explorar relações entre alimento, cultura, gênero, resiliência e resistência.

Referências bibliográficas

BURIGO, André Campos; VAZ, Bernardo Amaral; LONDRES, Flavia; NETTO, Guilherme Franco.; MENEZES, Marco Antônio C.; PACHECO, Maria Emília L.; SOUSA, Natália A.; PETERSEN, Paulo (Orgs.). **Caderno de estudos: saúde e agroecologia**, v. 1. Rio de Janeiro: Fiocruz: ANA: ABA-Agroecologia, 2019.

FERNANDES, Bernardo M. O MST e a luta pela reforma agrária no Brasil. **Observatório Social de América Latina**, Buenos Aires, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

WEZEL, Alexander; BELLON, Stéphane; DORÉ, Thierry; FRANCIS, Chris; VALLOD, Dominique. **Agroecology as a Science, a movement and a practice. A review**. *Agronomy Sustainability Development*, v.29, p. 503-515, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/41699743_Agroecology_as_a_Science_a_Movement_and_a_Practice Acesso em: 27 junho. 2023.